

## **Do Quadro negro à Televisão: Tecendo Considerações Sobre os Novos Movimentos nas salas de aula<sup>1</sup>**

Wagner da Costa Silva<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Acre - UFAC

### **Resumo**

Este texto busca discutir como professores se comportam ao começarem a participar de um programa educacional que tem como principal metodologia o uso da televisão. Do preconceito inicial à possibilidade de construção de novos movimentos, eles vivenciam diferentes experiências. Essa discussão é importante, tendo em vista a necessidade de inclusão de novas linguagens nas salas de aula.

**Palavras-chave:** televisão, profissão docente, projeto poronga. comunicação.

### **1 Explorando uma discussão**

A inserção de novas tecnologias no ambiente escolar é, atualmente, algo imperativo. Não se tem mais dúvidas dos benefícios que tal incorporação poderia provocar, pois não discutimos mais que estamos vivendo e convivendo em uma nova sociedade. Uma sociedade em transição, com novos movimentos, que desenha novas curvas e constrói novas pontes. Uma sociedade que evoluiu, mas ainda convive com uma escola que, aos olhos da maioria das pessoas, parece ter caminhado pouco, feito uma lenta caminhada, enquanto ela fez uma veloz corrida de 100 metros.

Não serei tão apocalíptico a esse ponto. Quem caminha, transita, vive, respira, sente a vida dos movimentados corredores de nossas escolas vê que pontos de insurgência existem. Professores que desafiam o estabelecido com metodologias inovadoras, alunos que tiram professores da sua zona de conforto com perguntas desconcertantes, diretores que tecem relações ainda não existentes entre a escola e a comunidade. Escolas que usam recursos tecnológicos de maneira eficaz, que incluíram a família efetivamente em seu cotidiano, entre outros exemplos.

São movimentos silenciosos, distantes do olhar da imprensa, às vezes das autoridades, mas que estão lá vivos, pulsantes, como que contemplando o silêncio das estrelas. Sendo uma ilusão em um mundo onde a realidade mais comum é apontar os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal do Acre. Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) – wagnercostas@hotmail.com

defeitos de uma escola que não cansa de agonizar, de mostrar suas debilidades. Como destaca Libâneo (2003, p.21) “a transformação da sociedade repercute, sim, na educação, na escola, no trabalho dos professores”.

Todavia, considero que a inserção de novas tecnologias no ambiente escolar, apesar de urgente e necessária, não é algo que deve ser feito para seguir o canto das sereias, o bonde da pós-modernidade. Sem que essa inserção mude internamente as dinâmicas estabelecidas em seu interior, sem que se torne uma cultura, sem que isso tire a televisão, o jornal, a internet, entre outras mídias, do lugar de periferia não oficializada do processo educativo. Algo que é utilizado quando professores querem “movimentar a aula” ou alunos aceitam porque é “algo diferente”.

Não se pode negar que ao chegar ao ambiente escolar muitos dos nossos alunos já tecem íntimas relações com os artefatos tecnológicos. Aprendem a procurar seus caminhos navegando na tela do computador, selecionam imagens e programas pelo *zap* do controle remoto, consomem informação pela tela do celular ou do *tablet*, experimentam a autonomia da escolha de informações, por mais que sem o direcionamento adequado muitas dessas informações não se transformem em conhecimento. Experimentam, como diz Edgar Morin, o mundo da complexidade. O mundo do religar, dos pequenos fragmentos que formam o todo. Para a professora Vani Kenski, a escola ainda parece distante de reconhecer todas as possibilidades das novas tecnologias em sala de aula. De acordo com a autora:

As tecnologias educativas mais utilizadas em educação, porém, não provocam ainda alterações radicais na estrutura dos cursos, na articulação entre conteúdos e não mudam as maneiras como os professores trabalham didaticamente com seus alunos. Encaradas como *recursos* didáticos, elas ainda estão muito longe de serem usadas em todas as suas possibilidades para uma melhor educação. (Kenski, 2007, p.45)

O texto evidencia que é preciso avançar nessa discussão. Fica claro, nas palavras da pesquisadora, que por mais que seja necessário, esse movimento de inserção de tecnologias no processo educativo requer um maior aprofundamento nas questões que o cerca. Para que o uso de tecnologias educativas em sala de aula se transforme em metodologias efetivas, que melhore o rendimento dos estudantes, professores e alunos devem ser construídas pontes que os ajudem a entender o sedutor mundo dos produtos midiáticos. Dessa forma, portanto, passem a compreender os interesses e ideologias que estão escondidos pelas belas palavras, embalagens e cores dos produtos emanados pela mídia e que tanto seduzem nossos alunos e para os quais eles dedicam tantas horas.

Sem que os professores entendam os caminhos trilhados para a produção e edição dos produtos midiáticos, eles serão encarados sempre como mais um recurso utilizado em sala de aula, assim como o giz ou quadro-verde e, dessa forma, serão desconsiderados em todas as suas possibilidades.

Nesse cenário, em que a TV ocupa um espaço maior, é preciso dedicar atenção especial a esse meio. Em nosso país, dados do IBGE mostram que o número de famílias que possuem um aparelho de televisão em casa é maior do que os que possuem geladeira, por exemplo, o que deve despertar uma maior atenção entre os professores, colocá-los em sinal de alerta. Quando levados para sala de aula, os produtos televisivos não podem estar descolados de dados como esse.

Não pode ser desconsiderado que, em muitas casas, a televisão é um veículo de consumo coletivo, de troca de interação entre os diferentes membros de uma família, e a partir dessas informações os professores devem investigar de que forma os estudantes e suas famílias consomem produtos televisivos, os programas que mais despertam interesse, quais as linguagens que consideram mais interessantes. É importante que a escola conheça o cotidiano e os hábitos daqueles que transitam pelos seus corredores, sentam em suas carteiras, dão vida a seus pátios.

É de posse dessas informações que os professores poderão formular estratégias, metodologias para um uso mais adequado da televisão em suas aulas, em um processo que transforme efetivamente os produtos televisivos em aliados, que ultrapasse a visão de meio de lazer que ainda gravita o imaginário de muitos dos nossos estudantes, o que irá contribuir para que os alunos leiam criticamente os programas que assistem.

Não se pode desconsiderar que a televisão se pauta pela veiculação de pequenos fragmentos de cores, imagens, sons, enquanto a escola ainda se pauta em uma lógica da linearidade. E é nesse *entrelugar*, esse espaço de incômodo, que muitos alunos estão colocados. Fora da escola estão acostumados a trilhar seus caminhos, navegar por seus mares, seguir suas bússolas, mas na escola prendem seus corpos, silenciam suas vozes, vivem, muitas vezes, *O lado cinza da vida*.

Quando destacamos a linearidade, queremos falar que a escola ainda se pauta em movimentos fechados, em tempos rígidos, em relações estáticas, em discursos pautados na lógica do emissor/receptor, naquilo que tem início/meio/fim, desconsiderando a existência das curvas, dos rastros, resíduos, atalhos e que podem contribuir para que os conteúdos, os modos de *ensinaraprender* ganhem outras texturas. Para Kenski (2007, p.88)

A grande revolução no ensino não se dá apenas pelo uso mais intensivo do computador e da internet em sala de aula ou em atividades a distância. É preciso que se organizem novas experiências pedagógicas em que as TICs possam ser usadas em processos cooperativos de aprendizagem, em que se valorizam o diálogo e a participação permanente de todos os envolvidos no processo.

Se a televisão for apenas inserida em sala de aula, sem que reflexões sobre o processo de produção do que ela veicula sejam realizadas, rupturas nos atos de *ensinar/aprender* não acontecerão, e a escola continuará com uma relação vertical nos contatos tecidos entre professores e alunos. Para que docentes e estudantes possam efetivamente fazer uma leitura crítica da mídia, em especial da televisão, muitas das aulas poderiam se pautar na produção de produtos televisivos, construídos de forma colaborativa, algo que reivindica o paradigma emergente, mas refletindo sobre o processo de sua construção, os filtros existentes, a forma como o público consome e porque consome mais determinados formatos.

Todavia, esse movimento só se tornará realidade se os professores forem capacitados para a realização dessas atividades, treinarem o seu olhar para enxergar a televisão além das ferramentas pedagógicas tradicionais, compreendendo que os produtos por ela veiculados estão permeados de ideologias e valores que, para os alunos, passam despercebidos, assim como para alguns docentes.

No entanto, esse quadro parece distante de se tornar uma prática, pois em muitas escolas, diante da sobrecarga de trabalho dos docentes, da falta de estrutura, do acúmulo de funções, entre outros problemas que permeiam nossa educação, falta tempo para que os professores discutam de forma coletiva suas metodologias, vivenciem a formação continuada, espaços que seriam ideais para que assuntos como o uso da televisão em sala de aula fossem discutidos.

Não existe leitura crítica da mídia sem que o seu uso seja discutido à luz do diálogo com a sociedade. Em nosso país, onde a televisão impõe novos hábitos, fomenta formas de consumo, funciona como um importante espaço político, o uso da tevê em sala de aula deve partir da discussão com o que acontece para além dos muros da escola, com o que realmente influencia diretamente o cotidiano do aluno, sua vida em família, com os amigos, no shopping, em sala de aula etc.

Para que essa forma de leitura aconteça, é preciso também que os professores e a escola dêem voz aos alunos, criem espaços para que eles mostrem de que forma consomem os produtos televisivos. É preciso romper com a escola ainda baseada no “copie/repita” para uma escola que abraça de forma real o paradigma emergente, que respeite as

particularidades dos diferentes atores envolvidos no processo educativo, que ouça a voz dos que querem falar, que contribua para que os estudantes passem de consumidores passivos para consumidores ativos do que é transmitido pela televisão.

O que assistimos, no entanto, é a escola ser invadida por pacotes que já chegam prontos como, por exemplos, os da Fundação Roberto Marinho, Instituto Airton Senna, entre outros. Com seus produtos acabados, formatados para o consumo em grande escala, sem buscar compreender que no país plural que habitamos, os sujeitos são singulares, vivem em regiões com culturas e geografias diferentes e a escola deve entender essas diferenças para assim incluir, de forma efetiva, um maior número de alunos.

Tanto a escola quanto a mídia já possuem a sua cultura, e elas apresentam diferenças. A questão cultural de como nos relacionamos com as TICs e como a escola ainda preserva a sua lógica carregada de um ranço tradicionalista e, parece, pouco permeável a mudanças, deve ser levada em consideração.

Para o professor Jesús Martín-Barbero, para se discutir a mídia e seus efeitos, não devemos discutir o meio, mas as mediações, as relações que tecemos com os meios. Quando se discute mídia e educação, o pensamento primeiro se volta a inserção das tecnologias no ambiente escolar, sem uma reflexão sobre as relações que os sujeitos constroem com os produtos midiáticos antes da entrada deles na escola. Esse comportamento, contribui para um conflito de lógicas. Dentro da sala de aula o aluno/a mantém a relação que ele constrói fora da sala de aula, o que, geralmente, é a da mídia como meio de lazer, de divertimento.

Em um mundo que deve ser regido por novas práticas educativas, tenta não enxergar mais a sala de aula como um espaço de homogeneização e, sim, um espaço de pluralidades, a inserção de tecnologias deve estar dentro dessa dinâmica que se tenta construir atualmente no campo educativo. Como destaca a professora Vera Candaú, "a pluralidade de espaços, tempos e linguagens deve ser não somente reconhecida, como promovida".

É importante destacar que o uso de tais tecnologias pode aproximar o mundo que o estudante vive na escola com aquele que ele transita quando ultrapassa seus muros. E essa aproximação de mundos, de linguagens, é algo de bastante relevância nos caminhos que o campo da educação abre atualmente.

Diante do que foi colocado, é importante destacar o que coloca Claro (2005), para a pesquisadora, a TV não substitui o papel do professor, mas lhe dá uma nova roupagem, ou seja, diante das novas formas de compreender desenvolvidas pelos audiovisuais na vida

social, ao trazê-los para a educação o papel do professor é redimensionado. Agora ele passa a ser um gestor do processo de aprendizagem coordenando o ritmo, as necessidades, os interesses e as divergências, problematizando as informações, promovendo a comunicação e a troca constante entre o grupo de alunos.

## 2. A discussão na sala de aula

Neste texto, buscamos ouvir professores de um programa de correção de fluxo existente desde o ano de 2002 no Estado do Acre, o Projeto Poronga. A principal metodologia utilizada são as teleaulas produzidas pela Fundação Roberto Marinho, que integram o Telecurso 2000.

Os professores que fazem parte do programa são formados em áreas diversas e, ao ingressarem nele, passam a trabalhar com a metodologia da unidocência, ou seja, trabalham diferentes conteúdos por meio de teleaulas e fazem uso massivo da televisão. Após passarem pelo ensino regular e ingressar no projeto, muitos professores relatam momentos de conflito nesse processo de apropriação de uma nova metodologia e o uso da televisão como recurso permanente em seu trabalho diário.

Entrevistamos seis professoras, onde foi possível perceber diferentes relações tecidas como a metodologia. As falas das professoras entrevistadas insinuam duas importantes discussões que tratamos a seguir:

### A televisão como ameaça ao professor

<b>Professor</b>	<b>Fala</b>
<b>Sandira</b>	Eu tinha muito medo de trabalhar com a televisão. Eu tinha mais medo de trabalhar com a televisão do que com a metodologia da unidocência. Eu pensava que os alunos não iam gostar, que o equipamento ia dar problema e eu não ia saber o que fazer. Eu vinha muito tensa pra sala de aula. Mas hoje eu já não me vejo dando aula sem a televisão. Vejo que eles gostam das imagens, eles ficam atentos ao que passa, é muito empolgante.
<b>Vera</b>	O começo é muito diferente. A gente tá acostumado a trabalhar de um jeito no regular. Já sabe como fazer, tem o nosso jeito de dar aula. Quando chega aqui é um monte de

	coisa diferente. A gente faz umas coisas que não fazia antes e tem a televisão que a gente não sabe como usar direito. Mas com o tempo a gente aprende e vê que a televisão pode ajudar muito no trabalho da gente
<b>Dora</b>	É diferente quando a gente já tá segura em usar o quadro, dar aula e quando chega aqui tem de usar a televisão todo dia. No começo eu não gostava, achava diferente essa metodologia. Tem coisa que o aluno só aprende com a gente e a televisão não ajuda muito pra matemática, por exemplo.

As falas das professoras insinuam importantes questões para refletirmos sobre a presença dos meios de comunicação em sala de aula, em especial a televisão. As professoras apontam a dificuldade de trabalhar com o meio, algo que pode provocar mudanças no trabalho que elas já realizavam no ensino regular, baseado, basicamente, no quadro negro, giz e na aula expositiva, além da relação vertical professor/aluno. O sentimento de insegurança é um traço comum entre as falas das três professoras entrevistadas.

As docentes se mostravam reticentes para experimentar novas práticas, inserir novas linguagens ao seu trabalho. Recusavam-se a se distanciar de um modelo de educação ainda calcado no uso do quadro para exposição de conteúdos. Apresentavam, dessa forma, uma dificuldade em se desconstruir, em livrar-se de velhas práticas e abraçar novos desafios, fazer da sala de aula um espaço para novos trânsitos de saberes. Todavia, como destaca Mercado (2008)

A qualidade da educação, geralmente centradas nas inovações curriculares e didáticas, não pode se colocar à margem dos recursos disponíveis para levar adiante as reformas e inovações em matéria educativa, nem das formas de gestão que possibilitam sua implantação. A incorporação das novas tecnologias como conteúdos básicos comuns é um elemento que pode contribuir para uma maior vinculação entre os contextos de ensino e as culturas que se desenvolvem fora do âmbito escolar.

Esse desconforto do professor em trabalhar com a prevalência de uma nova tecnologia, deve ser tensionado pelo fato de, ao mudar o modo de dar aula, ele estaria diante de novas demandas que a sociedade já reclama, de uma educação mais participativa, menos centralizadora. Segundo Gadotti (2000, p. 250) “na sociedade da informação, a escola deve

servir de bússola para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de oferecer informações “úteis” à competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral”.

### O uso da televisão e o problema da formação docente

<b>Professor</b>	<b>Fala</b>
<b>Claudia</b>	Eu comecei direto na sala de aula sem passar por capacitação. Como uma professora teve problema com a turma e deixou o programa, eu entrei sem nem saber o que era unidocência e nem como usar a televisão. Fazia muita coisa que já fazia no regular, só depois da capacitação foi que entendi como funcionava a televisão. Como na universidade a gente não têm formação pra isso (uso da mídia em sala de aula) eu senti muita dificuldade.
<b>Sara</b>	A gente chega sem saber como usar esse negócio de televisão nas aulas. Todo mundo no programa é formado, mas a universidade não ensina, ai a gente aprende nas capacitações e conversando com os amigos, mas é só assim mesmo.
<b>Dora</b>	Acho que a gente têm mais problema com a televisão porque a gente não tem essa formação na universidade. A gente só aprende isso na capacitação. Ai a gente mantém algumas coisas que a gente fazia e outras muda quando faz os cursos, mas é muito na base da experiência, na conversa com as professoras que já estão há mais tempo no programa.

O problema da formação gravita o pensamento dos professores desde o início do projeto. Um grande número de docentes da equipe inicial ainda via a televisão como algo que iria substituir o professor. Mas a equipe que coordenava o projeto no ano de 2002 tentava mostrar aos docentes que a televisão era uma ferramenta a mais, um meio utilizado para facilitar a compreensão na construção do conhecimento.

Para modificar essa visão do professor em relação à televisão, os professores passam por constantes capacitações que tem como objetivo mostrar aos professores como mediar o

processo de *ensinoaprendizagem* e que ele fica muito mais fácil com a televisão. De acordo com a coordenação do projeto, esse objetivo de conscientização sobre a importância da televisão no processo de aprendizagem foi alcançado ao final do primeiro ano, onde já se tinha esse sentimento de que aquilo era um facilitador do processo, e não um instrumento que ia dificultar ou substituir a figura do professor.

Para dirimir as dúvidas entre os professores e oferecer mais segurança quanto à execução de suas atividades, o projeto investe em cursos e momentos de capacitação. Todos os professores vinculados ao Poronga participam de formação continuada semanalmente, em encontros coletivos realizados nos dias de sábado. Nesses encontros, eles discutem os planos de aula, as atividades realizadas durante a semana anterior e planejam de forma conjunta a programação da semana posterior. Os docentes são submetidos ainda a capacitação em serviço a cada módulo. Os módulos de aula duram de três a quatro dias.

No entanto, como fala a professora Sandira, o tempo de capacitação é considerado insuficiente.

É muito pouco tempo. Hoje é tudo feito em três dias. Quando a gente começa a discutir um assunto já tem que passar pra outro. As dúvidas dos outros colegas não podem ser tiradas, discutidas, porque nós temos prazos a cumprir. É tudo muito corrido. Acho que devia durar mais tempo, pra gente discutir mais. Nossa sorte são os encontros dos sábados, onde podemos saber o que os outros estão fazendo também. (professora Sandira)

Sobre a apropriação da metodologia, pelos professores novos, interessante o relato da professora Fernanda.

Eu acho que só devia começar depois de fazer a capacitação, mas como tem muito professor que não agüenta as turmas e tem muita rotatividade, eu fui chamada e comecei. Nos primeiros dias os alunos me faziam perguntas que eu não tinha resposta, e eu dizia que tudo ia ficar como tava com o outro professor. Era muito nome estranho. Era equipe de socialização, coordenação, leitura de imagem, um monte de nome que eu não conhecia, mas eles não podiam ficar sem aula e eu comecei assim mesmo. Agora na capacitação eu vejo que não sabia muita coisa, nada sabia nada da metodologia do projeto. Tô aprendendo tudo aqui. É muito diferente do regular. Tava fazendo muita coisa de diferente, mas também tem um monte de coisa que eu tava fazendo e não vou deixar de fazer, só vou completar com o que vi aqui. (professora Fernanda)

Todavia, apesar os professores reconhecerem a importância desses cursos para a incorporação da metodologia, deve-se considerar que o treinamento é algo que distancia o professor da formação mais humana, tornada-o um técnico da educação, que é treinado apenas para executar pacotes que já chegam prontos às escolas. Para Mercado (2008) o

processo de preparação dos professores, atualmente, consiste em cursos ou treinamentos com pequena duração, para exploração de determinados programas, cabendo ao professor o desenvolvimento de atividades com essa nova ferramenta junto aos alunos, sem que tenha oportunidade de analisar as dificuldades e potencialidades de seu uso na prática pedagógica.

### **Considerações:**

Apesar de urgente, a inserção de novas linguagens na sala de aula ainda é um movimento lento, distante de ser encarado como uma filosofia educacional, um processo que incorpore professores, alunos e direção das escolas. Neste artigo, discutimos a necessidade dessas linguagens nas salas de aula e como os professores se posicionam frente a esse movimento. Pesquisamos a visão de professores de um programa de correção de fluxo que usa a metodologia do Telecurso 2000. As falas das professoras ouvidas para o texto mostram um desconhecimento das possibilidades da televisão como metodologia a ser usada em sala de aula, bem como uma formação inadequada para tal situação nos cursos de graduação, o que distancia o trabalho realizado das reais possibilidades que a inserção da televisão em sala pode provocar.

### **Referências**

CLARO, Patrícia de Tililio. **Telecurso 2000: a telessala como espaço de recepção**, de gestão da comunicação e de ensino-aprendizagem. Dissertação de Mestrado Universidade Estadual Paulista. 2005

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo. Cortez. 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MELO, José Marques de. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte. Autêntica. 2008

MERCADO, Luiz Paulo Leopodo. **Formação docente e Novas Tecnologias**, online.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Ed. Sulina. 2005.

PABLO A.A Gentili; TOMAZ Tadeu da Silva (org). **Neoliberalismo, qualidade total e educação**: visões críticas. Petrópolis. Vozes. 2007

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas. Papirus. 2007.